

Título

Natal ao borralho – Colectânea de contos de Natal -

Edição

Tecto de Nuvens, Edições e Artes Gráficas, LDA.

Rua Camilo Pessanha, 152, 4435-638 Baguim do Monte

tel./fax 224807820; tlm: 960131916 geral@tecto-de-nuvens.pt

www.tecto-de-nuvens.pt

Coordenação literária de

Teresa Cunha

teresacunha@tecto-de-nuvens.pt

Autores:

António Jesus Cunha; Dulce Sousa; Ilda Pinto de Almeida; Maria do Rosário Cunha; Maria Lucília Teixeira Mendes; Ricardo Morais da Cunha; Teresa Cunha

Capa

Hugo Baganha a partir da imagem “*Christmas Background with Tree and Fireplace*”, disponível em regime de copyleft em Gallery Yopriceville (gallery.yopriceville.com) e de imagens do arquivo da Tecto de Nuvens. Conversão para desenho em www4.lunapic.com

Paginação

Tecto de Nuvens

Revisão

Tecto de Nuvens

Concepção Gráfica

Tecto de Nuvens

© dos textos: cada um dos respectivos autores

© da colectânea: Tecto de Nuvens, Edições e Artes Gráficas, Lda.

Direitos reservados segundo a legislação em vigor

ISBN: 978-989-53403-1-6

Depósito Legal: 490698/21

Alguns autores escrevem de acordo com o novo A. O., outros segundo a antiga ortografia

O conteúdo literário e plástico desta obra é da inteira e exclusiva responsabilidade dos autores.

A gerência da Tecto de Nuvens

Apresentação

No Natal de 2019, que agora é uma espécie de marca distintiva do “velho normal” para o “novo normal”, um quase marco para um final de ciclo; nessa, simultaneamente, tão próxima e tão distante, Consoada, publicámos “A Prendinha de Natal”, também uma colectânea de contos. Por instinto, por acaso, por que tinha de ser (o leitor decida), demos por nós, em escolha de capa, numa adorável localidade rural: casas de pedra, fumo nas chaminés, neve, um rio a querer gelar, natureza... Os contos que nos chegaram, de alguma forma também nos levaram para esse ambiente.

Fosse porque as memórias (próprias ou adquiridas/adoptadas) nos tendem a levar para esses cenários, fosse pela reviravolta nas nossas vidas (a capa da colectânea de 2020 – Poesia – foi disso reflexo, quando nos vimos a ter de deixar as prendas à porta, na neve), a verdade é que uma parte de nós ficou por aquelas bandas ou a querer voltar para lá. E a vontade é tanta que se tornou lei (a nossa, a oficial, no momento em que estamos a preparar este livro, ainda é desconhecida) e não nos quisemos contentar com o exterior. Assim, e pelo menos durante esta época, mudamo-nos para tão acolhedor ambiente, e fomos para o interior, cheio de calor e de luz. Um lar...

É pois, caro leitor, ao borralho, confortavelmente instalados, que encontra os nossos autores e as memórias que quiseram partilhar. São memórias reais, memórias ficcionadas, histórias que, se espera, venham a ser memórias futuras... São, como devem ser, boas histórias para contar, ao quentinho da lareira, com uma bebida quente à mão, e muito boa companhia: a sua!

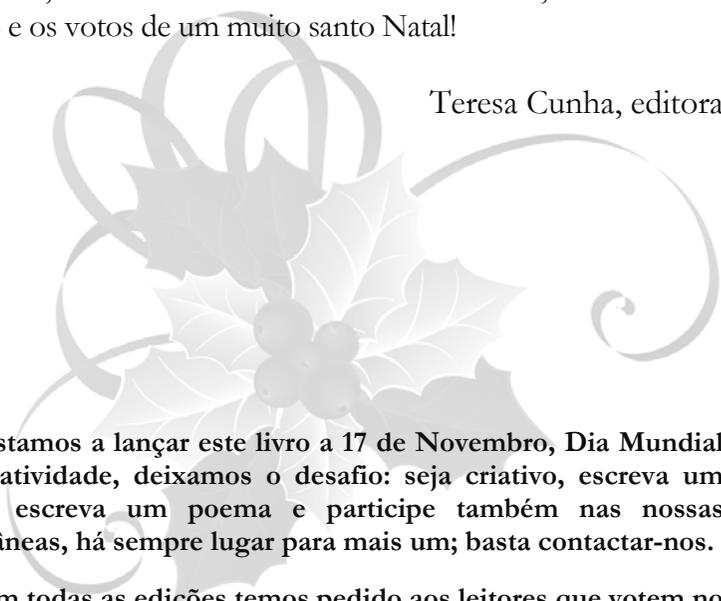
Instale-se também, ponha-se à vontade, e entre connosco no sempre desejado e desejável espírito de Natal. Esqueça o exterior escuro e frio, esqueça tudo o resto, pelo menos durante o tempo que leva a ler algumas páginas, e fique aqui, protegido, seguro, quente e em família. O mundo lá fora pode, e deve, esperar enquanto desfruta deste acolhedor refúgio.

Esperamos que este seja um Natal daqueles merecedores das melhores memórias; aquelas que são tão boas que nos proporcionam calor numa noite fria, um sorriso num dia triste, um suspiro de saudade num dia mais alegre, mas, sobretudo, que mantêm pessoas e momentos para sempre, para além da própria vida. O que é a vida se não um conjunto de memórias?

Que as suas sejam as melhores e que tenha com quem as partilhar, e que este Natal crie mais umas quantas para partilhar depois.

Receba, de todos nós envolvidos neste livro, um caloroso abraço e os votos de um muito santo Natal!

Teresa Cunha, editora



Estamos a lançar este livro a 17 de Novembro, Dia Mundial da Criatividade, deixamos o desafio: seja criativo, escreva um conto, escreva um poema e participe também nas nossas colectâneas, há sempre lugar para mais um; basta contactar-nos.

Em todas as edições temos pedido aos leitores que votem no seu texto favorito, é uma maneira de os leitores incentivarem os autores, mas também de se habilitarem a um prémio. Vamos manter essa tradição nesta colectânea.

Veja, por favor, como o fazer na última folha deste livro.
Muito obrigada!

A vaca da gruta de Belém

A noite de Natal teve sempre um especial encanto para mim. Enquanto a minha mãe acabava de preparar a ceia, o meu pai, sentado junto da lareira num banco de madeira, a que na aldeia davam o nome de “preguiceira”, contava lendas de Natal e relatava costumes antigos que, com o decorrer dos anos, foram desaparecendo.

Depois da ceia de Natal, a aldeia reunia-se no adro da igreja. Os rapazes recolhiam troncos secos nos pinhais e levavam-nos para junto da igreja. Antes da missa, à meia noite, faziam uma fogueira onde todos se aqueciam. No centro da igreja, o presépio que as raparigas tinham preparado com todo o cuidado. Naquela noite, o presépio era o centro de todas as atenções.

No final da missa, o sacerdote dirigia-se ao presépio. Erguia o Menino Jesus. Depois de alguns momentos de silêncio, todos lhe batiam palmas. A cerimónia terminava depois de todas as pessoas terem beijado o Menino. Os mais novos estavam ansiosos para regressar a casa, na esperança que o Menino Jesus lhes tivesse deixado uma prenda no sapato que, antes da saída para a missa, deixavam junto à lareira.

Os lavradores da aldeia, na véspera de Natal, respeitavam uma tradição muito antiga. No regresso a casa, resolvi pedir ao meu pai que me explicasse essa estranha tradição de não ordenhar [tirar o leite] as vacas na véspera de Natal.

Já em casa, enquanto a minha mãe preparava chã e bolinhos de abóbora, o meu pai explicou:

- O imperador romano, César Augusto, ordenou que se fizesse um recenseamento. Os cidadãos eram obrigados a ir às suas terras de origem para serem registados. José e Maria

É dezembro!

A paisagem de Rio de Onor, uma encantadora aldeia, bem ao norte de Portugal, espelha uma deslumbrante alvura que cintila aos primeiros raios de sol. Hoje, esta aldeia acordou a irradiar uma maior beleza.

O Rodrigo, rapazinho reguila, traquina, nos seus quase nove anos de idade esgueira-se, teimosamente, em direção ao jardim, sem que os pais o percebam. É ali o seu refúgio predileto, onde dá asas à sua preciosa liberdade.

Hoje delicia-se a pisar os montículos bem macios da primeira neve que brindou a aldeia. Faz uma enorme bola e sem mais tempo para terminar o seu imaginativo projeto, corre apressadamente à sonora voz do pai que o chama para mais um dia de aulas. Agarra a pasta e sorridente pensa já no seu regresso, ao final da tarde, para continuar a sua obra.

A escola é um local agradável, já que a sua professora traz o sonho e a magia no verde dos seus olhos e a doçura na sua voz. Ela sempre propõe desafios interessantes, capazes de pôr à prova a criatividade dos seus alunos.

A professora Cândida é meiga, de sorriso fácil capaz de derreter um glaciár. É essa beleza de caráter que a leva a ter sucesso junto dos seus alunos. É mestra na arte de os envolver nos desafios da aprendizagem. Dia após dia, há algo novo que a professora Cândida lhes traz.

O Rodrigo, tal como os colegas, adora a sua professora e, apesar de ter em mente a branca surpresa à espera no seu jardim, entrega-se à tarefa que a professora propõe.

O desafio de hoje é escrever um texto sobre: “**O que gostava de cada um de vós que acontecesse neste natal**”.

Cada aluno pensa dando depois largas à sua imaginação.

O Rodrigo tem um coração maior que a sua estatura e foi invadido por uma série de pensamentos, ideias, que mudariam

E SE FOSSE NATAL?!

Uma viagem de quase oito horas, que é feita de dia e de noite, trouxe uma experiência fantástica que não pude deixar de forma alguma registrar. Não sei se consegui exprimir o que senti e o que vi por aquele céu fantástico, uma verdadeira obra de arte a que tive o privilégio de visualizar.

Desta vez foi escrita na memória, uma memória que não queria de maneira nenhuma esquecer, e não esquecerei, que vivi e sonhei. Uma memória para um dia também partilhar junto ao calor de uma lareira. Adorei....

Hoje, hoje viajei ao terceiro céu nas barbatanas de um animal gigante em corpo de pássaro. Após a descolagem, o voo deste animal era quase em vertical fazendo-se até ao céu, deixando vestígios aos que ficam debaixo deste céu, das suas pegadas. Este primeiro céu é, ou será, aquele que mais próximo está de nós, da nossa vida, aquele onde podemos ver os pássaros a voar e o brilhante do sol, ele é o primeiro céu.

Subiu, e já no céu ele voa na horizontal, vi as muitas casinhas, a Torre de Belém e a ponte Vasco da Gama a ficarem minúsculas à minha visão, tão pequeninas eram elas, que pensei que enxergava Belém da Judeia, e que o que via fosse, talvez, a preparação do presépio de natal.

Momentos depois, subiu mais um céu e estava por cima do primeiro céu, mas o sol ainda brilhava ao longe.

Havia muitas nuvens lá por baixo, brancas acinzentadas, umas pareciam rolos de algodão, outras pareciam enormes pompons, quase me pareceu que via bolas de enfeite para a árvore de natal. Foi neste céu que o *barbatudo* voou por algum tempo... e de vez enquanto eu conseguia olhar, para baixo, e ver por entre as clareiras das nuvens, o rio, ou os mares, e até

Natal em comunidade

Sentada em frente à lareira, olhos fechados, mente aberta, dou comigo a reflectir sobre o mundo que me rodeia e chego à conclusão que a vida é feita de ciclos que se vão repetindo, apesar dos motivos serem diferentes. Hoje as pessoas isolam-se o mais possível com medo dos contágios, quase não se cumprimentam e mesmo as que se conheciam, afastam-se de tal maneira que parecem desconhecidas.

Quando fiz a minha casa, esta era uma urbanização nova com muitas moradias, habitadas por famílias oriundas de várias partes do país como é normal nas periferias das grandes cidades. Como ninguém se conhecia, cada um cuidava da sua casa, do seu emprego, da sua família!...

Assim passaram dois ou três anos.

Certo dia, na paróquia, alguém nos alertou para a necessidade de se fazerem acções de sensibilização à fraternidade, baseadas no movimento internacional Por um Mundo Melhor.

Meia dúzia de pessoas aderiu à ideia, arregaçou as mangas e enveredou por uma trabalhosa mas inesquecível aventura de desinstalar as pessoas e congregá-las num trabalho de grupo que muito beneficiou os habitantes desta zona.

Como já estávamos em fins de Outubro, o grupo promotor chegou à conclusão que seria bom começarmos com uma festa de natal!

Ideias daqui, ideias dali e as coisas foram começando a ganhar forma. Era preciso envolver o maior número possível de pessoas no desempenho de tarefas, pois só assim elas se sentiriam responsáveis e imprescindíveis.

Foi um trabalho demorado e cansativo porque foi feito porta a porta, explicando o porquê, o como, o quando e o onde

Solidão Habitada

Corria o ano de mil novecentos e... Corria, é uma maneira de dizer. O tempo corre sempre. E com muita pressa, mesmo que não se perceba porquê e aonde pretenda chegar. Correm os anos, os meses, as horas, os minutos e os segundos... Correm e não param: nem que seja para corrigir algo que não saiu tão bem, ou reviver alguma coisa agradável.

Não foi o que aconteceu com uma senhora não muito idosa e que passava muito do seu tempo debruçada à única janelinha da sua casa rasteira. Para ela, o tempo andava muito devagar. Dir-se-ia, até, que tinha parado no dia em que o filho a deixara. Era o seu único filho. O enlevo da sua alma.

Vivia esta senhora mais ou menos a meio de uma longa rua onde se situava uma escola para professores do então chamado ensino primário. Quase todas as casas que a ladeavam não excediam o primeiro andar. Eram casas simples como as pessoas que as habitavam. A rua, de sentido único, era pouco movimentada, tanto por gente como por veículos. Por ali passavam diariamente duas jovens irmãs que frequentavam essa escola.

Sorridente e meiga, respondia afavelmente ao “bom dia!” que lhe era dirigido. Ainda as manas estavam longe, já o seu olhar ansioso as esperava como se fossem as únicas pessoas a dar-lhe alguma atenção. As duas alunas não se demoravam: cumprimentavam e seguiam.

A senhora bem gostaria de conversar um pouco, mas os horários escolares eram para cumprir e, na saída, o que elas mais queriam, era chegar depressa a casa.

Houve um dia, porém, em que não puderam resistir: a senhora queria mesmo tê-las por perto e desabafar um pouco da sua história.

António e os Milagres de Natal

Na véspera de mais um Natal, enquanto preparava o lume que iria acolher e aquecer a família, António recordava alguns Natais que passou na sua infância.

Quando o António tinha 10 anos vivia com a sua avó. Os pais do António tinham emigrado para a Inglaterra, já que em Portugal não conseguiam encontrar emprego.

O António só estava com os pais uma vez por ano, uma vez que eles só conseguiam vir a Portugal na época do Natal.

Nessa altura do ano, o António estava sempre muito empolgado, pois tinha muitas saudades dos pais. Ele queria aproveitar todos os bocadinhos de tempo com eles, já que eles só podiam passar duas semanas em Portugal.

A mãe dele era contabilista, e o pai era enfermeiro num hospital. Todos os meses, eles mandavam uma contribuição para a avó do António, para a ajudar a pagar as despesas que ela tinha com ele.

Num certo dia, próximo do Natal, António recebeu uma chamada dos pais, a dizer que não iriam conseguir vir a Portugal naquele ano, porque o pai de António, como era enfermeiro e o hospital onde trabalhava, por causa da pandemia, estava cheio de gente, não ia conseguir ter as habituais férias pelo Natal.

Durante alguns dias, António andou muito infeliz, até que um dia, enquanto ele rezava para pedir que os pais dele conseguissem vir a Portugal no Natal, ele ouviu uma voz que lhe perguntou:

- António, o que é que tu queres mais neste Natal?

- Quero que os meus pais consigam vir para cá neste Natal. – disse o António.

- Se é o que tu queres, vais ter de ter muita esperança porque isso vai ser muito difícil. – disse a voz misteriosa.

Memórias de Natal...

Era a antevéspera de Natal, um dia ensolarado, mas muito frio, *talvez a previsão de neve para o Natal fosse acertada*, pensou a avó Jacinta ao dirigir-se, apressada, para dentro de casa. Ao entrar na cozinha reparou que o avô Alfredo estava a arrumar mais lenha tanto para o fogão da cozinha, como para a lareira da sala. Também ele deveria estar a pensar na neve.

Em silêncio entreolharam-se desconfiados, a casa estava demasiado sossegada, tendo em conta que era suposto estar ocupada por dois irrequietos cachorros e pelos 5 netos do casal, com idades compreendidas entre os 8 e os 15 anos. Havia dois cães mais velhos, que tinham passado as últimas horas a acompanhar os donos nas tarefas no exterior, e também eles se quedavam silenciosos como se tentassem adivinhar o que se passava.

Como se comandados por uma voz silenciosa, de repente, dirigiram-se os 4 para a sala, os donos à frente e os cães logo atrás.

O lume da lareira estava quase apagado, mas ainda dava calor suficiente para os dois cachorros que estavam deitados, profundamente adormecidos, no tapete em frente. Os pais deitaram-lhes um olhar embevecido, a mãe deu-lhes uma lambedela carinhosa e cansados de um dia a acompanhar os donos, também eles se deitaram no tapete e logo adormeceram.

Noutra ocasião, avó Jacinta teria prestado atenção a este idílio canino, e até teria tido a necessidade de limpar uma lágrima, mas desta vez não prestou atenção aos cães, os seus olhos iam dos netos para o marido e depois voltavam para os netos. Já o avô Alfredo tinha franzido a testa de tal maneira que parecia ter apenas uma sobrancelha.

Espalhados pela sala estavam os netos no mais profundo dossilêncios, isto é, estavam calados, cada um tinha, porém,